

# PAIXÕES EM ANÁLISE

Marcus André Vieira

## III – TEMOR E PIEDADE♦

### Catálogo

Hoje vamos começar a percorrer o continente afetivo tendo como porta de entrada o temor e a piedade. A primeira questão é: eles seriam porta de entrada para o quê? O que devemos entender por “continente afetivo”? Até aqui não fizemos nenhuma diferença neste vasto universo. Tomamos o termo “afeto” como nomeando tudo. Mas afeto, sentimento, paixão, emoção, vale a pena distinguir? Há diferenças a fazer?

A única coisa que não podemos fazer é uma ordenação externa. Lembrem-se que definimos o afeto como “cultural” e não no real. Se o afeto não é pura carga, com todas restrições ou termo, ou pura vida, como tenho usado, ou ainda pura pulsão, se ele é “tonalidade subjetiva de uma descarga de energia pulsional” como define Freud, se ele tira essa tonalidade que o caracteriza e distingue da pulsão da cultura, das formas de expressão cultural do sentimento, então não podemos distinguir os diferentes sentimentos como se estivessem no real.

Isso significa que essas distinções serão movediças, pouco objetivas, assim como tudo o que caracteriza a cultura, ou a própria linguagem, em contraposição à estabilidade, rigidez que supomos no real. Esta rigidez costuma ser nosso modo de supor que um fenômeno é real, “orgânico”. Se ele não é influenciável pelos acidentes da vida e pelos estados da alma de quem o vive, ele é “orgânico” se ele for variável e sensível à linguagem, é tido como “subjetivo”. Nada mais falso, como todos sabem. Portanto, nada disso com relação ao afeto. Ele não é “orgânico”, nem “neurológico” ou “biológico”, ou ele é tudo isso, mas apenas na medida em que estes termos apontam para uma constância no afeto.<sup>1</sup>

Então nossas definições vão se basear em quê? Se em descrições etnológicas da cultura, ficaremos à mercê da cultura e sabemos que basta mudar de país, às vezes de bairro, para que as expressões culturais mudem. É a clínica que contará.

Este é o percurso de Lacan na segunda lição do *Seminário 10*. Ele distingue três métodos para abordar o afeto: o catálogo, o análogo e a chave. O primeiro é tomar o real como constituído por coisas distintas e ordenadas, das quais o catálogo seria um espelho. O segundo, mais próximo a nós por tomar como algo inacessível em si, por isso não necessariamente feito de coisas, procura coisas que nos pareçam próximas do real e trabalha a partir delas. O exemplo maior é o estudar o afeto do rato para poder a seguir extrapolá-lo para o humano. Acumulando uma série de experiências nos mais variados campos que nos pareçam próximas a o afeto teríamos um saber sobre seu real.

---

♦ Curso livre do ICP-RJ, ministrado na Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio, 01 de julho de 2010. Transcrição, edição inicial e pesquisa de referências por Anna Luiza Almeida e Silva.

Não vou entrar no detalhe dessa discussão, remeto vocês a ela.<sup>2</sup> O importante é o método da chave, e não é à toa que tenhamos nos referido no último encontro à fórmula “trouxeste a chave?” de Carlos Drummond de Andrade. Lacan é menos poético e mais pragmático e define o método da chave como usar aquilo que abre portas. A chave tem tudo a ver com o que Lacan tem em mente no início desse seminário, o objeto “a”, que ele vai apresentar neste ano, mas para nossos propósitos, basta pensá-lo por seu lado pragmático. A chave é o que serve, à clínica psicanalítica entenda-se bem, senão seria puro pragmatismo. E o que serve à psicanálise em termos de distinção no que diz respeito ao afeto? A distinção entre emoção e paixão.

Antes mesmo de saber o que é isso, vale dizer de onde tirei, foi de J. A. Miller. Porque não está muito claro em Lacan. Sua conferência sobre o afeto foi decisiva para este curso, mas bem antes disso, para minha tese toda. Quanto a este ponto ele diz:

“Lacan empenha todos seus esforços em distingui-los [emoção e afeto] e desloca o afeto em direção à paixão, precisamente a paixão da alma. Esta é uma orientação totalmente decisiva”<sup>3</sup>

Ainda mais decisiva porque Freud não fala em paixão (*Leidenschaft*) termo caro à filosofia. Por que será então que ter dado destaque ao afeto como paixão e não como emoção foi a maneira lacaniana de ler Freud que, como acontece com relação a muitos outros temas, teria sido mais próxima da clínica freudiana que a própria teorização de Freud?

Para chegar nesta distinção crucial precisamos partir do que há de impalpável na vida. Freud prefere tornar, com relação ao afeto, o impalpável uma pseudo-quantidade, dar-lhe corpo, Lacan não, ele diz “o afeto é um termo vago, médico, prefiro a paixão”.<sup>4</sup>

## **Incorporais e Imaginário**

Então nosso ponto de partida será a seguinte afirmação: viver é perigoso, é cheio de mistério. Dito de outro modo: há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia, ou ainda, a vida inclui coisas invisíveis. Sem aceitarmos esse ponto de partida, não há como prosseguir.

O misterioso, o perigoso, assinala um tanto de coisas da vida que são invisíveis, fora do sentido. Como lidar com essas coisas que não se veem, que não se podem sentir ou pegar muito claramente? A ideia clássica é distinguir corpo e alma e dizer que as coisas verdadeiramente invisíveis são da alma, são abstratas e eventualmente divinas, enquanto que as coisas que podemos ver, sentir e cheirar, são do corpo.

Já dispensamos esse par, corpo e alma, a partir do tema do descentramento no lugar da divisão. Agora vamos colocar outra coisa no lugar do próprio par. É o que faz Lacan em “Radiofonia”. Ele promove os estóicos e não Aristóteles ou Descartes, destacando a oposição deles entre o que é corporal e o que é incorporeal. À primeira vista, parece a mesma coisa, corpo/alma e corporal/incorporeal, mas são bem distintos. O primeiro par opõe duas coisas, de natureza distinta, certo, uma delas é imaterial, certo, mas são duas coisas, duas substâncias nos termos de Descartes. Já o segundo opõe tudo que é coisa (e tudo que é coisa por definição tem corpo), a tudo o que é não-coisa, não são duas essências positivas, mas as essências e tudo o que for sem essência.<sup>5</sup>

Chamemos de incorporais tudo aquilo que não tem corpo, tudo aquilo que não se pode pegar. Então, se nós considerarmos que a vida é sempre pão-pão, queijo-queijo, que ou a vida é pão-pão queijo-queijo, ou a vida não vale à pena, que uma coisa é uma coisa, e outra coisa é outra coisa, se somos assim, partidários radicais desse materialismo pragmático, não haverá psicanálise. Mas também não haverá muitas outras coisas. No entanto, se aceitamos os incorporais, precisamos defini-los melhor.

Por exemplo, os incorporais mais conhecidos são os espíritos do outro mundo, são os fantasmas. São uma maneira de conceber como corpo em outro lugar o que aqui é incorporeal. Corporifica um tanto,

mas talvez não o bastante para reduzir integralmente a vida ao “pão-pão queijo-quente” [lapso, todos riem]...

Vamos tentar usar esse exemplo. “Queijo quente” é um corporal ou um incorporeal?

O nosso incorporeal é o queijo quente. Percebem como os incorporais podem ajudar? Incorporeal não quer dizer espírito, mas sim que não tem corpo. Queijo quente não tem o mínimo corpo neste contexto. Ninguém viu ou comeu um, continuo com fome, mas alguma coisa, uma presença, de meu desejo, por exemplo, algo da vida se materializou num queijo quente. Esta vida não é a que habita o nosso pão-pão queijo-queijo, é um incorporeal que veio parasitar o corporal cotidiano.

Se o queijo quente estivesse aqui, esse meu desejo teria outra presença, seria o que Lacan chama de demanda. Teria um objeto concreto, seria um desejo corporal. Vindo do nada é um incorporeal. Isso não quer dizer que o queijo-quente estivesse escondido em algum lugar. Não. Algo dá a materialidade necessária a este desejo para que ele se encarne, mesmo sem ganhar corpo. É a linguagem, ou, nos termos de Lacan, o significante. O inconsciente é um significante “carregado” que recebe um tanto da pulsão e lhe dá lugar na vida de outra forma que a demanda. E a carga, onde estava ela? A carga estava aqui, em algum lugar tinha um tanto de vida precisando entrar e ao achar seu significante ganhou presença, provocando risos.

Apesar de dizer que lidamos com incorporais, não serão os dos espíritos. Eles são o mesmo corpo só que numa esfera diferente. Tendemos a imaginar o inconsciente assim. Façamos de outro modo. Vamos definir o corporal como tudo aquilo que é totalizável, tudo aquilo que é esférico nos termos topológicos de Lacan. Tudo aquilo que faz sentido, é tudo o que tem começo, meio e fim, que eu consigo me apropriar, dar a volta nele. É exatamente o que não é esse queijo-quente. Talvez vocês possam dar a volta no meu queijo quente, porque estão olhando-o de fora. Mas não eu.

Tudo o que for totalizável, corporal, vamos chamar de imaginário. Lembrando sempre que imaginário aqui não é imaginação. Imaginário é o adjetivo que daremos, com Lacan, para tudo o que for esférico nesse sentido de que se possa dar a volta nele. Você não se perde, não tem abismo, não tem um buraco negro, nada disso. Esse livro é esférico, mas se vocês o abrirem, talvez deixe de ser, porque vocês vão começar a ler e, especialmente sendo de Lacan, vão se perder nele.

Percebem que nosso conceito de imaginário não nos ajuda em nada a fazer a diferença entre as coisas da vida real e as coisas da imaginação? Isso é muito prático. Parece que não, mas é. Porque uma análise não acontece na vida real, acontece num espaço virtual aonde não existem coisas reais, só coisas narradas, que podem corresponder ou não a fatos da vida real. Então, essa distinção não me daria vantagem nenhuma. Se alguém nos diz: “hoje acordei e briguei com minha mulher”, não tenho como saber se é verdade ou não.

O principal é perceber que a psicanálise começa quando isso não é o essencial. O que me importa é saber se é esférico ou não. Isso sim pode fazer uma diferença clínica. Uma situação narrada de modo organizado, ordenado, isso tem um valor, se for confusa, com pontos cegos, tem outro valor. Essa é uma distinção muito mais interessante para quando você está na clínica psicanalítica, do que a diferença entre realidade e imaginação. Por isso, Lacan faz essa inversão. Em vez de chamar de imaginário as coisas que são imaginárias, chamemos de imaginário as coisas que são totalizáveis. Então o que é imaginário para gente é tudo o que é concreto, que tem corpo, no sentido de ter começo, meio e fim.

Imaginário para Lacan, portanto, não é a imaginação, nada tem de falso. O termo assinala um modo de escoar a vida segundo fôrmas pré-estabelecidas e que por isso mesmo já estão lá, bem definidas. Porém, porque a vida é intotalizável o escoamento pelo Imaginário, por definição, nunca vai dar conta. A vida vai sempre sobrar. Um conceito, para Lacan, é alguma coisa imaginária. O conceito de cadeira, ou a ideia de cadeira, é do Imaginário.

## Jaguadarte

Uma vida que é pão-pão, queijo-queijo, vai sempre precisar de um queijo-quente que venha, também. E vai ser uma diferença se o que vier vai vir também esférico ou se vai vir de outra forma. O nosso trabalho é de recolher as coisas não esféricas, as coisas que vêm de outra forma, e trabalhar com elas. E a gente costuma chamar isso de significante. O significante está em todo lugar, mas existiriam cadeias de pensamento ou significantes ou ideias que não são esféricas, mas que fazem parte da nossa vida. São com essas que a gente trabalha. Senão, começaríamos a imaginar que trabalhamos com o real. Esse é o ultimo ponto da nossa introdução para ver se a gente chega para o nosso temor e piedade.

Nós trabalhamos com o imaginário, as coisas que fazem totalização. Mas o nosso material de trabalho, o que faz a novidade da psicanálise é que ela visa outras coisas que são também cadeias de pensamento ou ideias ou nomes, que não são totalizadas, não são imaginárias, e que também fazem parte da existência humana. Mas e as coisas que não são nem cadeias de pensamento? Também fazem parte da experiência humana coisas que não são nem pensamento nem conceito. O que chamamos de pensamento, tendemos a pensar que é conceito. Não, o pensamento é feito de conceitos e pensamentos que não têm conceito. Se eu falar unicórnio, é um pensamento com conceito. Se eu falar Jaguadarte, é um pensamento sem conceito. Se você for ler a poesia do Lewis Carroll, ainda assim você continua com um pensamento sem conceito, por isso que o Lewis Carroll é genial. Vamos chamar de significante sem significado.

### JAGUADARTE

Era briluz. As lesmolisas touvas roldavam e relviam nos gramilvos.

Estavam mimsicais as pintalouvas e os momirratos davam grilvos.

Foge do Jaguadarte, o que não morre! Garra que agarra, bocarra que urra!

Foge da ave Felfel, meu filho, e corre Do frumioso Babassurra!"

Ele arrancou sua espada vorpal e foi atrás do inimigo do Homundo.

Na árvore Tamtam ele afinal parou um dia sonilundo.

E enquanto estava em sussustada sesta chegou o Jaguadarte, olho de fogo,

Sorrelfiflando através da floresta, e borbulia um riso louco!

Um, dois! Um, dois! Sua espada mavorta Vai-vem, vem-vai, para trás, para diante!

Cabeça fere, corta e, fera morta, ei-lo que volta galunfante.

"Pois então tu mataste o Jaguadarte! Vem aos meus braços, homenino meu!

Oh dia fremular! Bravooh! Bravarte!" Ele se ria jubileu.

Era briluz. As lesmolisas touvas roldavam e relviam nos gramilvos.

Estavam mimsicais as pintalouvas e os momirratos davam grilvos.

(Lewis Carrol, Através do espelho, São Paulo, Summus, 1980, trad. Augusto de Campos).

A tentação dos conceitos, a necessidade de pensar coisas totalizadas pode inclusive pensar totalizada alguma coisa não inteligível. Basta dizer que este poema do Lewis Carroll é só besteira. Sempre posso totalizar coisas, mas percebam como um poema como esse é um radical esforço de anti-totalização com resultados palpáveis. Ele é uma cadeia de pensamento ou uma cadeia de fala, uma cadeia de significantes, só que incorporeal, sem totalização.

Este tipo de cadeia de dizeres sem corpo desempenha papel essencial em uma análise. É assim que se apresenta o inconsciente, um pensamento sem corpo, sem dono. Para dar-lhe dono supõe-se um Id que seja seu homenzinho. Fio contra isso que Lacan forjou seu conceito de sujeito. Sujeito é para começar o sujeito de uma frase, não é preciso alguém. Jaguadarte é um sujeito mesmo que não haja nenhum ser

que a ele corresponda, nem mesmo um ser da imaginação. Não há conceito de Jaguadarte tal como há conceito de unicórnio, por exemplo.

Existem coisas na experiência humana que não são seres, não se incluem no conceito e que mesmo assim fazem parte da experiência. Mas atenção, elas não são necessariamente um inefável Real, elas estão no campo do discurso. Em uma análise nós não temos como matéria-prima o Real, apesar de estarmos orientados por ele. Nós só lidamos com o Real que passa pelo significante, não com o Real em si. Um tanto da vida se inscreve no conceito, um tanto no Jaguadarte. A novidade da psicanálise é mobilizar o que se inscreve no Jaguadarte.

Nós trabalhamos com o que não faz sentido, mas que se mantém dentro do significante. Senão, como faríamos? Vale o mesmo para o fora do discurso da psicose, que não significa que ela seja fora da linguagem. A linguagem vai mais longe do que a gente imagina, mas isso não quer dizer que em uma análise vamos sair da linguagem.<sup>6</sup>

## **A quantificação da vida**

Como se faz, normalmente, para dar conta daquilo que escapa ao conceito? Um dos caminhos mais comuns é quantificar a vida. Isso também não é conceito. É o que origina a idéia de uma “baixa auto-estima”, ou mesmo a idéia de depressão. É uma convenção. Quando eu achar que estou em baixa vou atribuir a este estado um número, quando estiver em alta, vamos aumentar o número. E com essas marcas, os números, sem sentido em si, vou estabelecer um gradiente de proporção, de tabelamento, de metrificação e atribuir a esta escala um valor de real, de uma tradução de uma pseudo-energia vital que corre em minhas veias. Quanto maior o número de pessoas que aderirem a este sistema mais peso ele tem e assim vamos transformando a vida que era disforme em uma vida metrificada, o que não é exatamente a mesma coisa de uma totalização pelo conceito, mas que permite dominar o que não cabe de certo modo até de maneira mais eficiente. Afinal, é possível agora dizer o grau de felicidade de uma população e determinar quantos deverão tomar antidepressivos.

Freud também recorreu a este expediente, quando fala que devemos imaginar no psiquismo uma certa quantidade que é capaz de se acumular, de se descarregar, de mudar de lugar.<sup>7</sup> Isso é imaginar que a vida é métrica, que a vida segue uma certa lógica quantificável. Isso é uma decisão, é a mesma decisão da ciência. E a gente gosta quando Freud faz isso, ficamos um pouco mais calmos porque essa vida disforme ganhou certa disciplina, pelo menos a gente pode acompanhá-la. Esse não é o caminho do conceito. É o caminho da cifração numérica. Isso é a maneira como Freud vai definir o afeto nesse momento: o afeto é a descarga de uma determinada quantidade acumulada de libido. No que descarreguei, sinto o afeto.

Fizemos outro caminho no próprio Freud. Em vez de algo da vida que passa como descarga, algo de vida que se prolonga ou se progride ou passa de um para outro como pseudópode, como ameba. Experimentem encostar a mão num desconhecido, quando você tirar a mão, quem levou a mão, sente ali alguma coisa da energia vital daquele outro. E é uma tendência irresistível de chamar de energia vital, acabei de chamar. É como se fosse uma carga que eu te passei. Se eu te pegar e te sacudir pelos ombros eu passei minha carga para você. Isso é uma maneira de figurar a vida. Mas não quer dizer que a vida é uma carga. Quando a gente está lidando com a nossa realidade virtual, uma clínica aonde as pessoas narram os encontros, mas não os vivem. No corpo, a carga tem o seu valor apenas como metáfora.

Outras coisas também têm seu valor como metáfora. Posso imaginar, por exemplo, a passagem de um fluxo daqui para a última fila com minha fala, que com a noção de carga tenho dificuldade de situar a não ser metricamente. Neste contexto, para eu mandar uma carga até lá tenho que aumentar a

intensidade, não há outro modo. Então, se eu quiser fazer acordar o pessoal que está dormindo lá no fundo, tenho que falar mais alto. É só eu falar mais baixo [quase murmúrio] no entanto para muitas vezes eu atrair o pessoal do fundo e fazê-los escutar, pois minha fala se tornou quase um cochicho que interessa para além da métrica. Como se vê, a noção de carga tem os seus limites.

O pensamento quantitativo vai bem com muita coisa, mas no geral da clínica precisamos de outras coisas. E quanto mais o nosso mundo é virtual, menos o pensamento quantitativo funciona, porque o pensamento quantitativo ainda é muito dependente do totalizado.

O afeto é um fenômeno intrinsecamente imaginário, mas não posso atingi-lo apenas no plano do imaginário, pois ele diz respeito a coisas não totalizáveis. Por isso Lacan recusa a metáfora energética, psicofisiológica, como diz Miller, e destaca o quanto o afeto é coordenado aos invisíveis da vida, o que se faz tradicionalmente quando se fala em paixão.

*Emoção* sintetizará tudo o que é a abordagem do afeto pelo ângulo psicofisiológico, da analogia científica com o animal e *paixão* tudo o que enfatizar o aspecto simbólico do afeto, sua relação com os invisíveis da vida, e com o fora do sentido. Pois bem, os afetos mais tipicamente imaginários, que mais se prestam à abordagem psicofisiológica são, para Lacan, o temor e a piedade.

## Temor e piedade

O que são o temor e piedade? A referência é o excelente texto chamado “Catarse”, de François Regnault. A frase exata que Lacan retoma de Aristóteles é essa: “e representando a piedade e o temor, a peça realiza uma purgação desse gênero de emoções.”<sup>8</sup> Vimos como o “Purgar” é retomado por Lacan como “depurar”, hoje o importante é pôr o foco naquilo que é depurado.<sup>9</sup>

A definição de Aristóteles de temor e piedade: temor é tremer por si e piedade é tremer pelo outro.<sup>10</sup> São duas emoções, muito interligados. Ou eu vou apanhar, ou ele é que está apanhando no meu lugar. Ele está apanhando como eu poderia apanhar, isso é a piedade. Ou eu temo que eu vá apanhar como ele apanhou, isso é o temor. Em outros termos, os comentadores clássicos em geral, segundo Regnault, concordam em dizer que esses dois são nomes dos afetos que envolvem a simpatia com o semelhante. Eles não podem ser pensados sem uma relação de espelho.

Temor e piedade definem toda uma gama de sentimentos que são os sentimentos de empatia, sentimentos com relação ao semelhante, sentimentos pelo Imaginário. Eles existem, e são fortíssimos. Coloquemos nesses dois nomes tudo o que se sentir em relação ao semelhante, tudo o que o semelhante nos desperta. Quando digo “semelhante”, não é um parceiro. Por exemplo, o parceiro sexual na cama não é semelhante. Semelhante, classicamente, é o amigo, é o que Lacan escreve “a – a” e denomina o eixo imaginário. É minha imagem confirmada e definida pela imagem do outro e vice-versa.

É importante distinguir o que Lacan chama de pequeno outro do grande Outro. Toda relação é misturada, é mista, mas esquematicamente, os amigos são aqueles que mais são outrinhos. Isso em nada diminui sua importância, apenas indica que eles são totalizáveis, muito pouco estranhos ou surpreendentes. Toda vez que um amigo te surpreender, já não é mais temor e piedade. Toda vez que ele falar alguma coisa que parece que veio de outro lugar, você não sabe da onde, já não é mais temor e piedade. Toda vez que ele disser aquilo que se espera mais ou menos, é temor e piedade. Isso é uma grande parte da vida. Percebam como isso é grande. Então temor e piedade serão todas as paixões da empatia, do semelhante, todos os sentimentos recíprocos.

Amigo é o que ratifica, o que manda e devolve a bola. Pensem que nós estamos sempre com a ideia de pressão, como uma espécie de pressão, que a gente está chamando de vida. Um tanto dessa pressão que está em nós em algum lugar, e fora de nós também, ela escoar na relação do tênis, do pingue-pongue,

dual. A gente se ocupa, os adolescentes se ocupam dessa relação que enche quase que todos os âmbitos. Isso é uma relação que estamos chamando de Imaginária. É uma relação de reflexão. Lacan vai longe com essa ideia de Imaginário. Ele inclui aí não somente os amigos, mas também um tanto do que chamamos de inteligência, pois quando você pensa nas coisas, é porque você se coloca no lugar do outro para pensar.

Não estamos classificando os sentimentos de pena e medo como imaginários, estamos tornando-os paradigmáticos. Não esqueçam que isto é uma convenção. Adotaremos “temor e piedade” como os nomes de tudo o que se pode sentir com os amigos. Mas que fique claro, se com os amigos começa uma briga, isso talvez já não seja do espectro das emoções, do temor e da piedade. Você pode viver alguma coisa com seus amigos muito intensa, mas no sentido do que é compreensível. Chamaremos, por definição, de emoção, dentre tudo o que o semelhante secreta em nós, aquilo que com ele se inicia e nele se esgota. Dos tantos sentimentos de que dispõe o dicionário afetivo do Outro, estes são os que mais tipicamente o realizam.

Outros sentimentos também se situam no eixo imaginário. Alguns até mais claramente, como a inveja, por exemplo, ou o ciúme, mas fiquemos com estes, pois por definição, você não pode ter medo a ponto de se perder de si, porque o seu medo é causado pelo medo de se perder de si. Enquanto eu sentir medo, estou em relação com o outro, não quero que o que aconteceu com ele aconteça comigo, eu não me perco de mim. Se começar a me perder de mim, já não tenho mais medo daquilo, mas sei lá do quê. E se esse medo começa a invadir o mundo inteiro, já não é mais temor, vamos, por exemplo, chamar de angústia. Se não posso imaginar o perigo, se não posso concebê-lo como objeto, à minha frente, não posso temê-lo. É o que, inclusive, distingue o medo da angústia e do pânico. A angústia não tem nada a ver com o eixo imaginário. Deixemos o pânico, o horror, o terror, para nomear o ponto em que nos perdemos da imagem de nós mesmos que o outro nos reenvia constantemente para nos estabilizar.

Por outro lado, se não posso me identificar com quem sofre, não me compadeço, por mais brutal que isso pareça. É exatamente essa capacidade de identificação imaginária com as situações expostas que seleciona o que vai ou não para a manchete do jornal e faz com que milhares de mortos na África muitas vezes ocupem menos espaço que as atribulações dos vizinhos do bairro. Por isso Lacan define o temor e a piedade como afetos do que denomina “mundo dos bens”, espaço das trocas e das demandas, do pão-pão, queijo-queijo cotidiano.<sup>11</sup>

## **Darwin e Freud**

A vida está o tempo todo aí, quando é excessiva, posso ser levado a me emocionar e isso é um modo de transformar este excesso em algo conhecido, em escoá-lo segundo padrões pré-estabelecidos. Figurei o infigurável, dei contorno, totalizei, então me acalmei. Tudo isso a gente está chamando de catarse do temor e da piedade.

Mas fica uma pergunta, porque sob essa forma? Porque tremer por si ou tremer pelo outro e porque chorando ou rindo, ou pela inveja, pelo ciúme e ainda por outras tantas formas da culturas? Porque o corpo é tomado por uma forma específica?

E outra questão, porque as formas afetivas parecem variar tão pouco cultura para cultura? Esse é um problema para a nossa teoria “cultural”. Na teoria que aposta em um real, genético ou orgânico como fundamento do afeto, não há problema. Quando a ciência nos coloca em continuidade com o macaco e diz que o que sentimos é o que o macaco sentia, só que em outro contexto, não há problema.

Ela dirá que, toda vez que houver necessidade de uma ação, agiremos como o homem que somos, mas também como o macaco que fomos. Sempre que se acumular e for uma situação vivida como perigo, você reproduz os comportamentos que o macaco tinha quando tinha perigo. Quando uma pessoa tem

raiva ele reage crispando o maxilar porque os cachorros também o faziam para avançar e morder seus inimigos. Isso é Darwin.<sup>12</sup>

A gente vai escorregar no Darwin? Freud escorrega. Só que de uma maneira muito própria. Ele também convoca algo ancestral para justificar porque, mesmo os afetos não sendo genéticos ou orgânicos variam tão menos que outras manifestações culturais. Só que em vez de dizer que nossos afetos são os do macaco, em vez de dizer que são reflexos do macaco em nós, afirma que são “os acessos históricos fixados na espécie”<sup>13</sup>.

Então não são reflexos do animal, mas vivências subjetivas que se incorporaram à cultura, mesmo se ele diz “espécie”. Ataques históricos são experiências singulares e não universais. Parece Darwin, mas não é. Ele não diz “acesso históricos brotando em cada um a partir da sua genética”, mas ao contrário, “o acesso de cada um se inscrevendo no universal” da espécie, da cultura, da língua. A expressão dos afetos, assim concebida, segue muito mais o padrão do que Lacan, referindo-se ao modo como uma língua incorpora as invenções de seus falantes denomina “cristal da língua”.<sup>14</sup>

É uma coisa mais da tradição, que tem origens talvez ancestrais, mas que não está dentro da gente, está no Outro. Isso é que é o decisivo. Aprendo a me emocionar de uma forma específica. Toda vez que eu me encontrar em condições de tremer pelo meu semelhante e que eu aderir a esse sentimento, viverei coisas cuja “energia” tem origem em mim, mas cuja forma e expressão vêm a mim a partir da cultura. Completemos a fórmula de Lacan: “O afeto (quanto à sua expressão) vem ao corpo, ele não vem do corpo”.

Isso retoma o que já foi tão dito aqui: os afetos não são singulares, são sempre do Outro. Eles descarregam a vida que poderia ser descarregada de outra maneira, mas é descarregada assim. E essa vida que é descarregada é minha, mas como ela é descarregada assim, eu não consigo mais pegar nela. Eu só pego na vida coletiva. Não consigo colocar no bolso. O Jaguadarte e o porquinho-da-índia consigo colocar no bolso. As gotas de orvalho de Bandeira, “Minha grande ternura”, não.

Com “minha grande ternura”, a gente se emociona, mas o que a gente consegue pegar e se apropriar mais ou menos é de uma gota de orvalho que é a única decoração de um túmulo. Para viver a ternura do poema, tenho que lê-lo ou relembrar seus versos para me emocionar de novo e, depois que ler três vezes, já não me emociono mais.

A análise lida com essas coisinhas que pego e guardo, que mudo de lugar, e que provocam muitas emoções, mas não com as emoções diretamente. Ela provoca ternura, ela é banhada na ternura, mas o analista não está buscando acionar a ternura, ele está buscando a gota de orvalho. Por isso a ternura é sempre universal. Já nas marcas significantes a gente consegue segurar um pouco da vida de uma maneira que mais própria. Enquanto que a minha grande ternura, eu tenho certeza que é uma coisa enorme, só que eu não consigo dizer que é minha. Ela é minha e de muitos.

Alguém poderia dizer que é ridículo uma terapia que vai na direção da singularidade. Realmente não seria muito melhor, ainda mais no mundo individualista de hoje, se fundir na multidão? Por quê não? Uma terapia que puxe a grande ternura coletiva, uma terapia musical, do tambor e dos mantras, tudo isso vai nos fazer fundir numa espécie de massa poderosa. Ok, mas não é a psicanálise. Só isso.

A as paixões, que não são da empatia, também não são singulares? A nossa definição geral é de que nenhum afeto é singular, seja emoção, seja paixão. Nem mesmo o amor. Mesmo a grande perplexidade tem um traço qualquer, um significante que a sustenta, a gente é que não vê. A angústia é mais ou menos isso, é tentar definir um afeto limite aonde ele é o afeto do limite, para-além não tem nada. E para cá, temor e piedade. O amor atravessa, ele vai para lá também, mas tem um pé nos dois lados. Então, de certa maneira, não existe amor apaixonado que de vez em quando não exista no mundo dos bens.

## Na análise

Falei que era uma classificação dos afetos, mas ela só serve se satisfaz a uma necessidade clínica e não de catalogação. De fato, definimos o campo do temor e da piedade para destacar o quanto uma análise só começa quando se ultrapassa seu limite.

Uma análise começa no momento em que se abre mão dos prazeres afetivos do semelhante em nome de algo mais, ainda desconhecido; quando passamos do amigo ao estranho, do contrato à aposta, e da emoção à paixão. Com ela seguiremos até o desenlace do tratamento, que porá em cena o além do mundo dos bens.<sup>15</sup>

Lacan, nesse Seminário 7, chama isso de mundo dos bens. Uma análise nos leva a ultrapassar o limite do mundo dos bens. Bens aí no sentido de valores. O mundo das demandas, o mundo das coisas palpáveis, o mundo daquilo que é, o mundo do toma lá dá cá que é o nosso mundo cada vez mais. Ninguém vai fazer uma análise, ninguém vai dar um cheque em branco para ultrapassar a fronteira do lugar onde você só recebe aquilo pelo que você paga. Tudo é no contrato. No nosso mundo de hoje é assim. Se você não me provar que vai me dar tal coisa, eu não vou com você. Você tem que me mostrar quantos você curou, quanto custou, relação custo-benefício, tudo isso é o mundo dos bens, é o que eu estou chamando de campo da empatia. Enquanto eu estiver nesse mundo, não vai ter análise.

Nem tudo é emoção, portanto, pois nem tudo no sentimento é imaginário. Há a *paixão*, que definiremos como o que mobiliza nosso corpo a partir de algo mais do que a imagem do outro. Ela não se esgota no que se vê mesmo quando é claramente desencadeada pela imagem, como no amor à primeira vista. Na *paixão*, novamente por definição, diremos que há sempre um ponto cego fundamental no coração do Outro, algo que anima a imagem fascinante com que ele nos captura.

A análise usa outra paixão para fazer você andar, não é a do temor e da piedade. Ela usa a paixão, por exemplo, do amor. Com amor, você começa achando que está nisso aqui e, de repente, já está sem pai nem mãe nem vizinho.

Quanto às paixões, Lacan distingue as duas de Freud, amor e ódio, alicerces da transferência e acrescenta mais uma a ignorância. Esses são os sentimentos da transferência que vão fazer carregar uma análise. No amor, eu começo no plano do temor e da piedade, eu posso ter um amor simpático, a gente chamaria mais de amizade. A piedade vai ser sempre uma peninha, porque ela é limitada. Ela é limitada pela imagem do outro.

Você começa pensando que se vai tranquilo não tem problema, nós somos amantes, daqui a pouco ela já se separou já tem um filho seu e você não sabe o que vai fazer. Os homens fazem isso, eles acham que não vão ultrapassar amando. Se tiver garantia de que eles não vão ultrapassar dos limites, eles amam. Mas na definição do Lacan, “o amor é uma carreira sem limites”. O amor, como o ódio, são carreiras sem limites, podem ir até um ponto aonde desaparecem você e o semelhante. Não é à toa que Freud tenha trabalhado com o amor. O amor e o ódio são os diamantes da transferência, são as paixões da transferência, porque a análise, a princípio, vai sair ou vai falar de coisas que não estão no mundo do Imaginário. Ela vai produzir outro tipo de efeito que não é o efeito das paixões do imaginário. É por isso que uma análise vai começar pelo amor.

Isso tudo é esquemático, porque esses sentimentos estão ao longo de uma análise, estão ao longo de qualquer relação humana. Mas se for só isso, se nós estamos apenas na compatibilização, se não tem nada um pouco excessivo, está tudo mais ou menos equilibrado, está tudo bem, todos confortáveis, a gente sabe que não é análise. Tem qualquer coisa de um desconforto, de uma ruptura a qualquer coisa, e isso afeta, isso dá em paixões as mais bizarras, dá em coisas meio paranóicas, em análise a gente vive tudo isso.

O que é a purgação? É a purgação do temor e da piedade. A purgação da catarse clássica. Há uma conversão, que é como Freud fala também dos afetos. É uma espécie de conversão histérica: você pega uma super-energia e joga no corpo, mas segundo certo padrão determinado. Então o corpo passa a ser tomado por essa energia sob a forma do temor e da piedade. Não é a purgação do temor e da piedade na sua poltrona, é a purgação na sua poltrona da vida através do temor e da piedade. Então essa seria a purgação da tragédia clássica.

Na tragédia, não é isso que é o principal. Na tragédia, é você está lidando com o herói que está justamente além do temor e da piedade. Essas são indicações do Lacan em *Antígona*, e isso está em várias páginas nesse seminário. A *Antígona* não conhece o temor e a piedade, ela não experimenta temor e piedade porque ela é uma personagem que está até ou de falha trágica, simplesmente por acaso, que nem o Édipo, que faz com que ela tenha um problema que é muito além de qualquer coisa que você possa compatibilizar. O que ela vive é de outra ordem, não dá para ela ficar "tenho pena de mim", ela não tem pena dela, ela não tem pena de ninguém. É uma espécie de obstinação enlouquecida. Isso para dizer que o que interessa na tragédia, para a gente, e é nisso que Lacan trabalha, é que a tragédia fala de uma outra coisa na vida que serve para descarregar e que dá em ação, mas que não é pelo temor e piedade. E aí a gente vai deixar a tragédia aí, para não continuar, mas esse seria o ponto forte, que a gente vai caminhar com o amor e o ódio, em vez de caminhar como Lacan, que vai caminhar pelo desejo. Ele vai começar a chamar de desejo nesse seminário alguma coisa que não é do campo afetivo.

Mas uma análise não é uma tragédia. Ela vai além do mundo dos bens, não para ultrapassá-lo, afinal, não há nada além senão a dissolução de si mesmo. Mas ela leva aos limites e por isso é a paixão que a conduz e não a emoção. Veremos isso no próximo encontro, quando abordaremos as paixões do amor e da ignorância.

Até agora relemos a purgação de um jeito não quantitativo, dizendo que, pela trama, é possível fazer com que alguma coisa da vida, que não cabe na vida, passe a caber seja sob a forma de temor e de piedade e de sua purgação, seja sob outra forma, essa mais psicanalítica, a da paixão. Neste caso não é a purgação que está no centro do palco, mas a depuração. Somos purgados do temor e da piedade, mas não do amor e do ódio. Com eles algo de nós mesmos é depurado. É isso que faz uma análise, a partir de uma travessia com a paixão, nos entrega nossos Jaguadartes, nossos porquinhos da Índia, nossas Teresas.

---

<sup>1</sup> Os padrões de manifestação afetiva estão no Outro e não no real (cf. Miller, J. A., "Sobre os afetos na experiência analítica", *As paixões do Ser*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 1998, p. 38). Cf. tb. Vieira, M. A. *A ética da paixão*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, p. 158.

<sup>2</sup> Cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 10*, Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 20. Cf. tb. Vieira, M. A., "O catálogo e a chave: sujeito da ciência e sujeito do inconsciente", *Opção Lacaniana*, v. 21, São Paulo, EBP, p. 84-87, 1997, ou *A ética da paixão*, pp. 146.

<sup>3</sup> Miller, J. A. *op. cit.*, p. 37.

<sup>4</sup> Lacan, J. *Outros Escritos*, p. 524.

<sup>5</sup> Lacan, J. *Ibid*, p. 406.

<sup>6</sup> Cf. Vieira, M. A. "Fora do discurso", *Todo mundo é louco*, São Paulo, EBP, 2010.

<sup>7</sup> "Sua produção [da libido], seu aumento e sua redução, sua divisão e seu deslocamento deveriam nos fornecer os meios de explicar os fenômenos psicosssexuais" (Freud, S. *Edição Standard Brasileira Completa das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (no que segue, *ESB*), vol. VII-223) apud Cf. Vieira, M. A. *A ética da paixão*, p. 31.

<sup>8</sup> Cf. Regnault, F. *Katharsis*, Em torno do vazio, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2003.

<sup>9</sup> Sobre a catarse cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 7*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 297 e tb. "... a catarse é uma experiência de uma gama de sentimentos específicos que nascem de uma relação de proximidade e ao mesmo tempo de distância com o herói. É preciso que o espectador se identifique com o protagonista sem se confundir com ele, pois o primeiro arrisca a vida enquanto o segundo se emociona sem risco. [...] o efeito emocionante que justifica a ida ao teatro, ao cinema, não pode se dever apenas à mostração e à experiência sensíveis de coisas horrorosas ou belas. Apenas exibidas elas instituiriam um freak show ou um museu. O efeito deve prover do espetáculo como agenciamento dos fatos, das

---

peripécias da trama.” (Vieira, M. A. *Restos, uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008, verbete “Catarse”).

<sup>10</sup> Cf. tb. Vieira, M. A. *A ética da paixão*, p. 160. Para a definição do temor e da piedade cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 7*, p. 297.

<sup>11</sup> Lacan, J. L. *Op. cit.*, p. 297 e Freud, S. *ESB*, VII, p. 325.

<sup>12</sup> Cf. Vieira, M. A. *A ética da paixão*, p. 106.

<sup>13</sup> Para os afetos como conversão, como “acessos histéricos fixados na espécie”, Cf. Freud, S. *ESB*, vol. XX, p. 156 e Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 714 e ainda Vieira. M. A. *Ibid.*

<sup>14</sup> “... uma língua nada mais é que a integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela” (Lacan, J. “O Aturdido”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, 2003, p. 492).

<sup>15</sup> Lacan J. *O Seminário, livro 1*, Rio de Janeiro, JZE, 1985, p. 314.